

Presença árabe na América do Sul¹

The presence of Arabs in South America

Oswaldo Truzzi²

truzzi@power.ufscar.br

¹ Uma versão anterior desse texto foi produzida com o objetivo de acompanhar a mostra fotográfica Amrik – Presença Árabe na América do Sul, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores, por ocasião da Cúpula América do Sul – Países Árabes, ocorrida em maio de 2005 em Brasília. Agradeço as sugestivas e valiosas contribuições de André Botelho Vilaron e de Carlos Alberto Ferreira Martins para a finalização do presente artigo.

²Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP), Visiting Scholar University of Chicago (Department of History), Professor Associado da UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Resumo. O presente artigo recupera os principais traços da significativa influência árabe, no plano da cultura e da sociedade, em diversos países sul-americanos. Hoje tais traços se fazem notar e obedecem primordialmente a um duplo padrão: de um lado, a herança colonizadora de portugueses e espanhóis impregnados pelo sangue e pela cultura árabe resultante de séculos de dominação na Península Ibérica; de outro, a presença típica de imigrantes oriundos do Oriente Médio que, chegados a partir do final do século XIX, dedicaram-se ao comércio e geraram ampla descendência.

Palavras-chave: cultura árabe, imigração árabe, América do Sul.

Abstract. This paper highlights the main aspects of Arab influence on South American cultures and societies. It argues that this influence is due both to the cultural legacy of Portuguese and Spanish colonizers who had been for centuries under Arab domination in the Iberian Peninsula and to the presence of immigrants from the Middle East who arrived from the end of the 19th century onwards, dedicated themselves to commercial activities and left many descendants.

Key words: Arab culture, Arab immigration, South America.

...alfinete almofada alcachofra algodão almirante
alqueire álgebra alcova alfaiate alcool algazarra
alfândega almocharife algema alaúde aldeia alarido
algoz alicate almanaque albergue alazão algarismo
alvenaria alface alcatifa alfafa alpargata alambique
alunha alpiste almude alfazema alquimia alvará
alarde alamar alcaparra albarda alguidar albornoz
alcatrão alvaiade alcatraz alaúde alecrim alfarrábio
alcoice alferes algaravia alfaia algibeira alicerce aljôfar

alcaide alfenim aljava almeirão alforje almíscar
alfarroba almotacé alfavaca alvissaras almofariz, só
para dizer as mais conhecidas começadas com al, disse
tio Naim, os libaneses têm retidão e sinceridade para
com Deus, talvez, por fora sejamos as coisas erradas
mas Deus olha para o interior das pessoas, para a
intenção, as virtudes secretas, temos alma de soldado
suportamos pacientes as tribulações, nossas mulheres
são fecundas e amorosas obras primas na culinária,

bocas purpurinas das ilhas de Elisã, além disso, disse tio Naim, os árabes são como avós dos brasileiros, os lusis misturados com mouros e os brasileiros filhos dos lusis e netos dos mouros, os mouros viviam no território cristão que depois veio a ser Portugal... (Miranda, 1997, p. 53).

A passagem, elucidativa dos dois movimentos marcantes da presença árabe no Brasil – num primeiro momento intermediada pelo colonizador português e, mais tarde, fruto direto da chegada de imigrantes, consta do romance *Amrik*, de Ana Miranda (1997, p. 53). A expressão *Amrik* é uma aproximação de como os imigrantes árabes pronunciavam América, destino de muitos jovens que, a partir do final do século XIX, buscaram melhorar a vida de suas famílias emigrando, fazendo a América, tanto do Norte quanto do Sul, *Amrik*. Para ser mais preciso, nossa América, a do Sul, é reconhecida em todo o mundo árabe como “A Outra América” (Achcar, 2005, p. 299).

A presença da cultura árabe em toda a América do Sul antecede, porém, em vários aspectos, a imigração inaugurada ao final do século XIX. Ela já se insinuara através de vínculos religiosos, com a presença desde o século XVIII dos africanos muçulmanos malês na Bahia escrava, tão decisiva na organização do levante de 1835 (Vargens e Lopes, 1982; Reis, 2003). Mas antes disso, ela esteve presente desde o início da colonização portuguesa, manifesta na língua, na música, na culinária, na arquitetura e decoração, nas técnicas agrícolas e de irrigação, na farmacologia e na medicina. É que os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica, assinalando uma presença inóvel em nossos colonizadores. Significativamente, Granada, o último reduto árabe em solo europeu, foi conquistada pelos cristãos em 1492, no mesmo ano em que Colombo chegava à América (Duby, 1992).

Graças a essa longa convivência, forjada por moçárabes, mudéjares e mestiços³, os dois idiomas praticados na Península Ibérica – tanto o espanhol quanto o português – são fortemente tributários do árabe. *Albañil*, *aduanas*, *zanahoria*, *berenjena*, *babuchas*, *cifra*, *azúcar*, *taza*, *elixir* – compõem os cerca de 4 mil vocábulos de origem árabe, que constituem o terceiro aporte à língua espanhola, atrás apenas do latim e do grego. Influência de igual monta observa-se sobre a língua portuguesa através de milhares de palavras, como *Oxalá* e seu correspondente espanhol *Ojalá*, derivados diretamente de *in sha Allah*, cujo significado – *se Deus (Alá) quiser (si Dios quiere)*, tão comuns em nossa linguagem coloquial – reflete a supremacia da vontade divina sobre a ação humana.

Foram os árabes que introduziram na península ibérica coisas tão básicas como os algarismos arábicos [sic], em substituição aos romanos, de difícil manipulação para cálculos, jogos como o de xadrez e a própria arte caligráfica, já que encaravam a palavra escrita como o meio por excelência da revelação divina. Na culinária, difundiram o uso do café, de doces próprios e produtos de pastelaria, do azeite (do árabe *az-zayt*) em substituição à proibida gordura de porco, e de muitos outros temperos, como o açafraão (*az-zaHafrân*), a noz moscada, o cravo, a canela, pimentas e outros condimentos. Recebemos tudo isso indiretamente, pela obra colonizadora de portugueses e de espanhóis. Como reiteradamente salientou Gilberto Freyre, em sua obra maior: “o ponto a destacar é a presença, não esporádica, porém farta, de descendentes de moçárabes, de representantes da plebe enérgica e criadora, entre os povoadores e primeiros colonizadores do Brasil. Através desse elemento moçárabe, é que tantos traços de cultura moura e mourisca se transmitiram ao Brasil. Traços de cultura moral e material” (Freyre, 1969, p. 286-320), que se mostraram decisivos, em uma ampla variedade de aspectos (Freyre contrasta – entre muitos outros exemplos – “a higiene verdadeiramente felina dos maometanos com a imundície dos cristãos”), no tipo de colonização agrária e escravocrata que aqui se empreendeu.

Na música, o alaúde de origem árabe teve vasta descendência americana, procriando em verdadeiras famílias de instrumentos: o quatro, cinco, seis e o oitavo venezuelano, a bandola na Colômbia, Venezuela e Cuba, o três e o requinto caribenho, o bandolim e o cavaquinho brasileiro, a charanga do altiplano andino e o banjo dos negros norte-americanos. Isso sem falar na gaita árabe, possível antecessora da gaita ibérica, e do adufe, precursor do pandeiro.

Os árabes trouxeram também à Europa o algodão, a laranjeira, a sericicultura, o cultivo do arroz e da cana-de-açúcar, esta tão fundamental à obra inicial de nossa colonização. E a aridez dos solos desérticos capacitou-os como mestres nas técnicas agrícolas e de irrigação, importando à Europa o moinho d’água, avô do engenho colonial brasileiro (Freyre, 1969, p. 294).

As próprias técnicas construtivas, como a telha de barro do tipo capa e canal, ou ainda a taipa de pilão, tão dominante nos primeiros séculos do Brasil, são de influência nitidamente árabe. Na arquitetura, o estilo mudéjar, tipicamente ibérico, constituiu possivelmente o acontecimento de maior transcendência na história da arte espanhola, caracterizado pela simbiose harmoniosa entre a arte árabe-muçulmana e elementos da arte europeia cristã, gótica em particular (Toussaint, 1946;

³ Moçárabe refere-se ao cristão que vivia nas terras conquistadas pelos muçulmanos na Espanha; enquanto mudéjar (do árabe *mudayyan*, os que ficaram) diz respeito ao indivíduo de origem árabe que se manteve na Península Ibérica depois da Reconquista pelos cristãos.

Quesada, 1989; López Guzmán e Henares, 1993). Os maiores exemplos encontram-se sobretudo ao sul da Espanha, nos palácios da Alhambra ou nas mesquitas de Córdoba e Toledo, mas também em Portugal, onde o mudéjar português caracteriza-se pelo revestimento mural de azulejos com motivos geométricos. De fato, a utilização de tijolos (e seu posterior revestimento) como material de construção constituiu uma das características marcantes da arquitetura mudéjar, solução mais econômica e mais rápida em relação à pedra de cantaria. Assim, uma decoração exuberante, com motivos abstratos e geométricos, arabescos [sic], adornos em gesso e utilização de estuques, azulejos (do árabe *az-zuléidj*) e a própria tapeçaria, combinaram-se com jardins e a água – dois outros elementos fundamentais, que reconfortam a aridez dos desertos – produzindo edifícios públicos, religiosos e vivendas aclimatadas com plantas, flores, fontes, chafarizes, tanques e pomares, ao mesmo tempo em que pátios internos e gelosias nas janelas ogivais denunciam o recato e a busca de privacidade (Hourani, 1994, p. 200-201).

Lúcio Costa, o mais importante teórico da arquitetura moderna brasileira, foi o primeiro a pesquisar a presença dessa tradição na arquitetura colonial brasileira e, em particular, no chamado barroco mineiro. Em “Documentação Necessária”, texto escrito em 1938, que constitui uma espécie de programa de trabalho para o então recém-criado SPHAN, destaca a importância de se resgatar o valor cultural e a importância construtiva e climática de tais influências. Soluções construtivas tradicionais como os balcões fechados com a chamada treliça mineira são, por exemplo, testemunhos vivos dessa tradição.

Em toda a América Latina, a distribuição dos espaços e muitas abóbodas de igrejas e de conventos refletem a arquitetura mudéjar, algumas já desaparecidas desde o século XIX. Enquanto hoje as mais numerosas encontram-se na Colômbia, especialmente em Tunja e Cartagena de Índias, ou na Bolívia, particularmente em Sucre; no Paraguai podemos também encontrá-las nas adjacências de Assunção, em Yaguarón, Capiatá, Piribebuy e Valenzuela; no Peru, na Catedral da Virgem Candelária, em povoado às margens do lago Titicaca; no Chile, na Igreja de San Francisco em Santiago ou de outras em localidades do altiplano andino, enquanto que verdadeiras obras-primas encontram-se em Quito, no Equador. Outros elementos, como os balcões do palácio episcopal de Lima, a sede do Museu de Arte Espanhol em Belgrano, na capital portenha, ou ainda o salão Alhambra, no subsolo do Club Español, atestam uma influência indiscutível.

No Brasil, o diálogo com o estilo arquitetônico árabe não é apenas coisa do passado. A influência que Lúcio Costa exerceu sobre a adoção de soluções construtivas

inspiradas nessa tradição, a preponderância da forma livre na linguagem arquitetônica brasileira, assim como a permanente preocupação em se incorporar a paisagem natural, revelam uma afinidade natural muito mais profunda. Cabe ainda sublinhar que, na segunda metade do século XX, tal afinidade desdobra-se em diálogo: a forte influência da arquitetura brasileira, e em particular de Oscar Niemeyer, na cultura arquitetônica do mundo árabe continua sendo objeto de pesquisa e resgate. E, entre vários exemplos possíveis, o complexo da Exposição Internacional de Trípoli, de 1962, e o magnífico projeto de Niemeyer para a Universidade de Argel, de 1968, certamente expressam o caráter vivo e profícuo desse diálogo.

“Turcos”: dispersão territorial e identidade

O segundo movimento marcante da presença árabe na América do Sul foi a chegada direta de imigrantes, sobretudo sírios, libaneses e palestinos, a partir do final do século XIX. A pretensão inicial era uma imigração temporária, destinada a redimir suas famílias de situações sociais e econômicas difíceis, desfavoráveis. Mas o que pretendia ser provisório acabou se tornando permanente e, em vez de o imigrante retornar, a família é que o acompanhou. Irmão puxando irmãos, filhos, esposas, primos, pais, tios, avós, conterrâneos, conhecidos. Como na literatura de Emil Farhat, inspirada nas correspondências trocadas entre o autor, ele próprio imigrante, e sua mãe no Líbano, desconsolada com a perda de seis filhos para o Brasil.

E agora, com vinte anos nessa mina do Brasil, Iskândar já não encheu o bernal da fortuna de que tanto falava? Então, por que não vem? E você? Ele é o mais velho, mas autorizei você a puxar-lhe as orelhas. Assim. Isto, desse jeito. Então, por que não fez? Vocês todos são uma súcia. Estão apalavrados para me deixarem na berlinda, chorando num canto da casa [...]

Meu Deus! Só peço a Deus para que não me deixe sentir o tempo. Para mim, vocês saíram anteontem. Anteontem. Às vezes consigo ver claramente a cara de todos. Um por um. Iskândar, com o bigodão, só para esconder aquela cara de menino assustado. In-Hula, elétrico, apressado, sempre se queimando com a sopa quente. Muzáref, tinindo os dedos, mexendo os dedos. Fazendo exercício prá contar o dinheiro, dizia ele, esfregando as mãos ao invés de adeus, na hora da partida. Ziad recitando versos repentistas para um desafiante que sempre perdia. E para uma platéia que só o aplaudia. Nazira amedrontada, vai-não-vai,

querendo ir, só eu sabia porque. Para se casar. E casou? Mas como é que você não me disse nada antes? Não abuse dessa desculpa. Estou ficando surda, mas não para ouvir as notícias de meus filhos. Notícia de filho, a gente ouve antes mesmo das bocas se abrirem. E você, o orgulhoso, o emproado, o briguento Tauil? “Vou lá no Brasil e trago todos, pelo cangote.” Trouxe quem? Trouxe nada. Perdeu-se no mesmo atoleiro. Você ainda nos deixou esta casa. Agarro-me nela, nos balaústres, nos portais; seguro cada pedaço que caiba na minha mão. E chamo todas essas coisas por um nome só – Tauil. Tauil. Tauil. Desculpe, o papel molhado aqui foi porque não achei lenço. Não vi que estava enfiado no cinto do vestido (Farhat, 1987, p. 72-73).

Cadeias migratórias foram assim formadas, e redes de parentes, amigos e conterrâneos logo se articularam, fornecendo referências valiosas aos que decidiam pela migração. Os contatos que cada um tinha plasmaram uma geografia peculiar, imaginária nas mentes de cada emigrante. Um tio em São Paulo tornava a capital paulista mais próxima de sua aldeia na Síria ou no Líbano do que a Espanha, ali mesmo do outro lado do Mediterrâneo. Esse movimento adensou contingentes desse grupo migratório em rincões os mais remotos e insuspeitos do continente sul-americano.

Miguel Jorge estava de mãos na barriga quando desceu naquele porto de nome espichado, da boca do rio: Santa Maria de Belém do Grão Pará. Mas logo o escoraram: Aqui já tem “turco” demais [...] Depois de mais de vinte dias, chegou noutra cidade, maiorzinha, Manaus. E outra vez vê que já havia patrícios de sobra, uns encostados noutros mais prósperos. Então deram-lhes algumas mercadorias, ensinaram os nomes e os preços e orientaram: Vai por aí, rio acima. Sempre rio acima. Entra no primeiro paraná e daí para outro rio. Vai olhando para as margens. Vendo gente, se não estiver pelado, é freguês. Quando o sujeito não tiver dinheiro, faça trocas. Se for borracha, parta tudo em quatro, para não trazer pau dentro. Quando puder, volte para pagar o que levou (Farhat, 1987, p. 54).

Desde os regatões da Amazônia (Andrade, 1985, p. 49-50; Benchimol, 1985, p. 18-19), estendendo-se por toda a América do Sul, e mesmo Latina (Marin-Guzmán e Zeraoui, 2003), o mesmo designativo: *turcos*, motivo de queixas freqüentes. Até a Primeira Guerra Mundial, vieram com passaportes expedidos pelo império otomano, já em decadência, mas não queriam se ver confundidos com seus

dominadores. No clássico *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado, uma das figuras centrais é a de Nacib, assim caracterizada:

De árabe e turco muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho, de intimidade. De turco ele não gostava que o chamassem, repelia irritado o apodo, por vezes chegava a se aborrecer:
 – Turco é a mãe!
 – Mas, Nacib...
 – Tudo que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graças a Deus.
 – Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa.
 – A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia [...]
 – Ora, Nacib, não se zangue. Não foi para lhe ofender. É que essas coisas das estranhas pra gente é tudo igual... (Amado, 1975, p. 43-45).

Tal como no caso de Nacib, as sociedades nos vários países da América do Sul não dispunham de nenhum elemento para distingui-los em suas respectivas origens. Nesse processo, foram todos agrupados numa categoria menos precisa e mais geral, fundidas suas identidades nessa coletividade maior, fruto da interação que o restante da sociedade mantinha com o grupo. Para os olhos de alguém postado externamente à colônia, fosse esse brasileiro ou pertencente a outro grupo étnico, as identidades religiosas, das aldeias e das províncias de origem, tão importantes para cada um dos imigrantes desapareciam sob o epíteto de *turcos* (Truzzi, 1997b).

No Brasil, na Argentina e de modo geral em toda a América Latina, eram sobretudo de origem síria ou libanesa. No Chile, muitos eram também de origem palestina. Planejando voltar daí a alguns anos, muitos vieram solteiros, na busca de um pé-de-meia que pudesse atenuar as dificuldades das famílias deixadas nas aldeias, mas tão presentes na conduta e na memória. Como referência na nova terra, sempre um parente ou um conterrâneo já há mais tempo estabelecido. Relações e favores convertidos em gratidão que propiciaram o início da vida no novo país: onde morar, como se comunicar, onde arrumar trabalho, crédito, mercadoria para mascatear, escola para os filhos, etc. (Knowlton, 1961).

Mesmo que a principal ocupação do árabe em seu país de origem tenha sido a agricultura, em toda a América do Sul, a maior parte escolheu como profissão o comércio. “O sírio vendedor ambulante foi tão vulgar nos países do Prata como raro ou desconhecido em sua própria terra”, ponderou Jozami (1987), referindo-se à Argentina

de 1917. Tanto no Brasil quanto lá, embrenharam-se por essas terras como mascates, no primeiro se dirá como autênticos bandeirantes, difusores das novidades da capital nos rincões mais recônditos. Caixa ou mala, às costas ou em lombo de burro, vendendo quinquilharias de todo tipo - linhas de costura, fósforos, roupas, tecidos, bijuterias, alimentos, - todas mercadorias de consumo popular.

Nesses dois países, de fato, foi sensível a distribuição de sírios e libaneses em regiões de baixos níveis de imigração transatlântica. Regiões que, como no caso das províncias do noroeste argentino (Santiago del Estero, Catamarca, La Rioja, Tucumán, Salta e Jujuy) ou em pequenos lugarejos da Amazônia, de Minas Gerais, de Goiás ou do Rio Grande do Sul, mantêm os atributos de “país tradicional” (Jozami, 1987) (preexistência de elites, predomínio da população nativa, ausência de mercados de trabalho vinculados à expansão urbana e industrial), em forte contraste com as características dos espaços sociais pampeanos ou do eixo Rio – São Paulo.

No próprio Nordeste brasileiro, foi o mascate libanês Benjamin Abrahão quem filmou, na década de trinta, Lampião, conforme nos informa a película *O baile perfumado*, inspirada em sua saga. Em outros destinos sul-americanos, a diversidade espacial, ainda que menor, também foi significativa: não importa se nos Andes venezuelanos, na “Guajira” colombiana, nos “cerros” chilenos de Las Condes, ou nas ruas empoeiradas de povoados da pampa argentina, “el turco buhonero”, vendedor de quinquilharias constituiu figura comum. Isso além das concentrações nos maiores conglomerados urbanos: Montevideo no Uruguai, Santiago no Chile, La Paz e Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, Valencia na Venezuela, Lima e Cuzco no Peru, Bogotá e Barranquilla, esta na Colômbia caribenha, inspiradora da *Calle de los turcos de Macondo*, no famoso romance de Gabriel García Márquez (1970).

Como muitos outros grupos que foram chegando, aglomeraram-se em zonas centrais, próprias ao comércio. Em São Paulo, na rua 25 de março, adjacente ao mercado municipal. No centro do Rio de Janeiro, na rua da Alfândega. Em Porto Alegre, às ruas General Andrade Neves e Voluntários da Pátria. Em Belo Horizonte, à rua dos Caetés. O mesmo ocorreu em outros países latino-americanos. População fundamentalmente urbana, os “turcos” se instalaram em toda a Argentina, mas uma porcentagem importante deles o fez em Buenos Aires, cuja atração maior era seu intenso movimento comercial. Em Buenos Aires, tenderam a se concentrar no bairro de *Retiro*, próximo ao porto, à estação ferroviária e às mansões onde viviam as classes altas de Buenos Aires (Scobie, 1977, p. 49). Em Santiago do Chile, estavam concentrados em uma região denominada *Recoleta* (Corbinos, 1983, p. 82).

Trajetórias de mobilidade

Em todos esses locais, viviam inicialmente em cortiços, moradias populares com cômodos para alugar, onde se aglomeravam famílias inteiras em um reduzido espaço. Em toda a América do Sul, sobressaíram as características peculiares do comércio praticado em longos trajetos percorridos como vendedor ambulante de sotaque tão característico:

Começa por Flores (onde vive), segue por Palermo e Barracas, para voltar ao bairro. Além disso, realiza trajetos mais amplos que o levam à zona suburbana: Mustafá. – Si, duerme y brebara biernas que mañana vamos Tigre, gamino Douring Club (Discépolo, 1932, p. 2).

Os mascates para lá para cá taq taq taq tá batem o metro na canastra ihihi fitinha? retrosinho? zabonetinho? bringuedinha? berfuminha?... (Miranda, 1997, p. 191).

Depois de algum tempo mascateando, o imigrante acaba por se estabelecer, montando negócio próprio e deixando o posto anterior para parentes ou conhecidos recém-chegados. De fato, é comum a apreciação de que no Brasil, em qualquer buraco, existe “turco com lojinha”. E, não raro, esse estabelecimento comercial foi um dos mais importantes em cidades do interior, localizado em geral próximo à praça ou à igreja do vilarejo, conferindo certa centralidade e inserção social privilegiada a seu proprietário. Essa mesma situação repete-se amiúde em vários países do continente, inspirando, por exemplo, na literatura de Isabel Allende, o incrível Riad Halabí, personagem magnânimo, cujo negócio em Águas Claras “se tornou o mais próspero da região, onde se comprava de tudo: alimentos, adubos, desinfetantes, tecidos, medicamentos e, se algo não existia no estoque, era encomendado ao turco, que o traria em sua próxima viagem” (Allende, 1987, p. 156).

À medida que o século XX avançava, a imagem de um grupo dedicado ao comércio foi se fixando. Não era para menos. Os descendentes de sírios e libaneses haviam se embrenhado em muitas regiões, marcando presença em alguns ramos, como o de armarinhos, que à época eram importantes e facilmente notáveis, pois a alma do negócio consistia em atrair o consumo popular.

[...] quando um “turco” chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se modifica; toma outro colorido, um colorido quase étnico. [...] Os mostruários de bugigangas nas vitrines, as camisas dependuradas, os

sabonetes suspensos por cordões, bolsas escolares, brinquedos de criança, a variação, enfim do colorido e dos objetos expostos dão logo à fisionomia da rua o seu caráter sírio (Diegues Jr., 1951).

Tal qual no bazar de suas cidades de origem, concentração comercial onde todas as lojas parecem uma só, recriaram aqui tal ambiente:

É rua colorida, alegre, gesticulante, com um cheiro gostoso de fazendas novas, de tecidos gomados, de bons ou falsos perfumes e de sabonetes caros ou baratos. Ali há de tudo. Tudo que possa arregalar os olhos bisbilhoteiros se acha ali exposto em local bem visível. As vitrines são, por isso mesmo, arlequinescas (Marques, 1966, p. 82).

Nesse processo, reinventaram o comércio popular, concedendo prazos e créditos, promovendo liquidações, girando rapidamente o estoque para operar em escalas maiores, no sentido do comércio por atacado. Muitos ainda não pararam por aí e fundaram indústrias, a maior parte delas no ramo têxtil e de confecções. Já nos anos trinta, serão as firmas capitaneadas por sírios e libaneses as que apresentarão maior porte no parque industrial paulista de então (Truzzi, 1997b, p. 51-52).

Hoje, em São Paulo, muçulmanos que vieram a partir dos anos cinquenta – emigrados em função dos contornos que assumiu a questão palestina e a guerra do Líbano – refazem o ciclo, dedicados tanto ao comércio de *jeans*, na rua Oriente, no bairro do Brás, quanto ao comércio de móveis populares, nas imediações de Santo Amaro ou em municípios do ABC paulista (Truzzi, 2005). É fato que as condições atuais são diferentes e que muitas das oportunidades aproveitadas anteriormente pelas famílias árabes, vindas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não mais se colocam para essa imigração mais recente. Além disso, o particularismo religioso dos muçulmanos em sociedades predominantemente católicas coloca desafios distintos daqueles enfrentados pela imigração de origem árabe cristã, em sua maioria composta por maronitas e ortodoxos. A imigração mais recente, a sociabilidade mais endógena e, sobretudo, a menor proximidade religiosa com o catolicismo dominante em toda a América do Sul, que atua como elemento mais estruturante da conduta do grupo – tudo isso não anula mesmo assim um conjunto significativo de características culturais comuns a árabes de origem cristã e de origem muçulmana (Truzzi, 2006).

Quem se dispuser, por exemplo, a acompanhar as trajetórias dessas famílias nesse continente não deixará de notar em todo o processo de inserção nas diferentes

sociedades a centralidade da família e do trabalho. Família engajada no trabalho; loja na frente, casa nos fundos ou no andar de cima do sobrado; família mourejando, trabalhando como mouros...

Mas o balcão das lojas esteve longe de constituir o ponto de chegada de suas trajetórias. Em geral, vencidas as dificuldades da primeira geração migrante, os pioneiros logo trataram de perseguir para seus filhos a ascensão socioeconômica via educação. Queriam vê-los como doutores – sobretudo médicos e advogados – e assim muitos o fizeram, aproveitando-se, inicialmente, de clientela cultivadas na própria colônia, que depois se estenderam a outros estratos sociais mais abrangentes (Truzzi, 1992).

A partir de então, a inserção privilegiada e o amplo conhecimento do tecido social, angariado desde os tempos de mascate, aliado à legitimidade que um diploma de profissional liberal conferia, frutificou em carreiras políticas, e também em tudo o que há de mais popular: no Brasil, do futebol ao jogo do bicho, às escolas de samba e à própria música popular. Em todo o continente menciona-se a sobre-representação dos descendentes de árabes na política. Os exemplos são muitos – Turbay na Colômbia, Bucaram no Equador, Menen na Argentina, além de inúmeros no panorama nacional –, o que demonstra, apesar da origem cultural relativamente distante, uma extraordinária capacidade de adaptação à nova terra, tornando-se nacionais de fato em todos os países da América do Sul.

Por outro lado, ainda que preconceitos certamente tenham se mostrado presentes, de forma alguma foram capazes de inibir, ao longo do tempo, a tendência geral de inserção muito bem-sucedida dos árabes nas respectivas sociedades que os receberam. Nesse ponto, é necessário frisar as condições privilegiadas de acolhimento oferecidas pela maioria dos países da América do Sul, sobretudo quando comparadas a outras regiões do continente americano onde o preconceito foi mais vigoroso (Truzzi, 1997a).

Uma peculiaridade que ilustra a integração vigorosa entre as duas culturas é a incorporação de iguarias de origem árabe às culinárias locais. Em São Paulo, de acordo com o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo, um quarto das refeições servidas provêm da culinária árabe. No Brasil de modo geral, ainda que muitas vezes adulteradas, algumas receitas difundidas pelos imigrantes integram hoje a dieta usual da classe média brasileira, como o quibe, a *esfiha*, o tabule, a coalhada, o *babaganouche*, o pão sírio e a lentilha. Além disso, redes de restaurantes especializados em cozinha árabe (ou em adaptações inspiradas nela) proliferaram de tal forma que não há guia gastronômico sem uma seção a eles dedicada ou *shopping center* em cuja praça de alimentação um deles

não esteja presente. Em outros países da América do Sul, não se pode deixar de assinalar a mesma influência: *lomito árabe, mámul, empanadas, rellenos y medialunas árabes, greibi, niños envueltos, lasmi, maklova*, etc.

Não tardou para que o sentimento de gratidão de muitos imigrantes árabes à nova pátria que os acolhera fosse expresso em numerosas oportunidades. Para os que vieram muito jovens, como Nacib, a adesão aos valores da nova terra foi inconteste:

– Na terra de meu pai... – assim começavam suas histórias nas noites de conversas longas, quando nas mesas do bar ficavam apenas uns poucos amigos. Porque sua terra era Ilhéus, a cidade alegre ante o mar, as roças de cacau, aquela zona ubérrima onde se fizera homem. Seu pai e seus tios, seguindo o exemplo dos Aschcar, vieram primeiro, deixando as famílias. Ele embarcara depois, com a mãe e a irmã mais velha, de seis anos, Nacib ainda não completara os quatro. Lembrava-se vagamente da viagem na terceira classe, o desembarque na Bahia onde o pai fora esperá-lo. Depois a chegada a Ilhéus, a vinda para a terra numa canoa pois naquele tempo nem ponte de desembarque existia. Do que não se recordava mesmo era da Síria, não lhe ficara lembrança da terra natal tanto se misturara ele à nova pátria e tanto se fizera brasileiro e ilheense. Para Nacib era como se houvesse nascido no momento mesmo da chegada do navio à Bahia, ao receber o beijo do pai em lágrimas (Amado, 1975, p. 45-46).

Até hoje, mais de um século decorrido após a vinda dos primeiros imigrantes, nas entrevistas colhidas entre os mais velhos, entre aqueles capazes de olhar para trás, conscientes das dificuldades enfrentadas e do caminho percorrido, o balanço da trajetória e da vida não deixa de registrar depoimentos emocionados. “Na vida brasileira a gente adquire desde a infância uma tolerância que não existe lá. [...] Eu estou satisfeito da minha vida, confio no Brasil, aqui é minha terra” (Greiber *et al.*, 2000). Esse sentimento de gratidão e confiança, em geral embalado – é preciso reconhecer – por uma significativa mobilidade socioeconômica, acomoda-se bem às trajetórias vivenciadas pelos povos de origem árabe em todo o território sul-americano.

Referências

ACHCAR, P. 2005. Imagem e formação de opinião no mundo árabe: visões do Brasil e da América do Sul. In: H.V. de ARAUJO (org.), *Diálogo América do Sul – Países Árabes*. Brasília, FUNAG e IPRI.

- ALLENDE, I. 1987. *Eva Luna*. São Paulo, Record, 328 p.
- AMADO, J. 1975. *Gabriela Cravo e Canela*. São Paulo, Círculo do Livro, 416 p.
- ANDRADE, M. 1985. *Tipos e veículos de transportes fluviais do Amazonas*. Manaus, Imprensa Oficial.
- BENCHIMOL, S. 1985. *Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical*. Manaus, mimeo.
- CORBINOS, L.A. 1983. El comportamiento urbano de los migrantes árabes en Chile. *EURE*, 9(27):73-74.
- DIEGUES JR., M. 1951. Dois grupos étnico-culturais no Brasil: italianos e sírio-libaneses. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 4 out.
- DISCÉPOLO, E.S. 1932. *Mustafá*. Buenos Aires.
- DUBY, G. 1992. *Atlas Histórico Mundial*. Madri, Editorial Debate, 315 p.
- FARHAT, E. 1987. *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. São Paulo, T. A. Queiros, 354 p.
- FREYRE, G. 1969. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 668 p.
- GREIBER, B.; MALUF, L. e MATTAR, V. 2000. *Memórias da imigração – libaneses e sírios em São Paulo*. São Paulo, Discurso Editorial, 772 p.
- HOURLANI, A. 1994. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo, Companhia das Letras, 704 p.
- JOZAMI, G. 1987. Aspectos demográficos y comportamiento espacial de los migrantes árabes del NOA. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 5:57-90.
- KNOWLTON, C.S. 1961. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e especial*. São Paulo, Anhami.
- LÓPEZ GUZMÁN, R. e HENARES, I. 1993. *Mudéjar iberoamericano: Una expresión cultural de dos mundos*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 334 p.
- MARQUES, G. 1966. *Ruas e tradições de São Paulo*. Conselho Estadual de Cultura.
- MÁRQUEZ, G.G. 1970. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro, Sabiá, 364 p.
- MIRANDA, A. 1997. *Amrik*. São Paulo, Companhia das Letras, 216 p.
- MARÍN-GUZMÁN, R. e ZÉRAOUI, Z. 2003. *Arab Immigration in México in the Nineteenth and Twentieth Centuries – Assimilation and Heritage*. Monterrey and Austin, Instituto Tecnológico de Monterrey, 650 p.
- QUESADA, M.A.L. 1989. *Los mudéjares de Castilla y otros estudios de historia medieval andaluza*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 367 p.
- REIS, J.J. 2003. *Rebelião escrava no Brasil: A história do Levante dos Malês*. São Paulo, Companhia das Letras, 648 p.
- SCOBIE, J. 1977. *Buenos Aires: Del centro a los barrios 1870-1910*. Buenos Aires, Solar.
- TOUSSAINT, M. 1946. *El arte mudéjar en América*. México, Editorial Porrúa.
- TRUZZI, O. 1992. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Sumaré, 128 p.
- TRUZZI, O. 1997a. The Right Place At The Right Time: Syrians and Lebanese in Brazil and the United States: A Comparative Approach. *Journal of American Ethnic History*, 16(2):3-34.
- TRUZZI, O. 1997b. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 256 p.
- TRUZZI, O. 2005. *Sírios e libaneses: narrativa de história e cultura*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 103 p.

- TRUZZI, O. 2006. Configurações e valores familiares entre muçulmanos em São Paulo. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 30, Caxambu, 2006. (CD-ROM).
- VARGENS, J.B. e LOPES, N. 1982. *Islamismo e negritude – da África ao Brasil, da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ 80 p.

Submetido em: 26/02/2007

Aceito em: 04/09/2007